

As Valentias de  
**Madame Sata**  
Autor: Victor Alvim



Autor  
Victor Alvim

# As Valentias de M A D A M E S A T Ã



Rio de Janeiro | 2019

Madame Satã é um caráter ímpar no universo da capoeira carioca: ele representa, melhor que ninguém, a capoeira-gem dos malandros antigos, da mesma forma que influencia a capoeira moderna, desenvolvida nas décadas de 1950 e 1960 no Rio de Janeiro. A capoeira tinha quase desaparecido das ruas da cidade do Rio de Janeiro após a grande repressão das maltas pelo chefe de polícia Sampaio Ferraz no início da Primeira República. No entanto, algumas de suas técnicas corporais e de sua cultura musical entraram para a pernada carioca, por ocasião das batucadas de samba. Já os seus golpes mais perigosos somente eram treinados em lugares escondidos, em alguns morros, para serem usados em brigas de rua por valentões como Madame Satã, que se destacou em muitas brigas e seus feitos impressionaram uma geração de futuros capoeiristas.

Ao mesmo tempo, Madame Satã representa muitas das contradições da sociedade em que vivia. Foi praticamente escravizado quando menino e teve que sobreviver nas ruas e também nos presídios, onde passou parte de sua vida atribulada. Sua orientação sexual (gostava de homens e tentou uma carreira artística vestindo-se de mulher no palco) o expôs a abusos constantes no ambiente homofóbico em que vivia. Como explica na sua autobiografia, muitos homens não conseguiam aceitar que uma "bicha" fosse também um valentão. Daí a constante provocação por parte de homens heteronormativos, muitos deles policiais, resultando em brigas repetidas e muita perseguição. Assim Madame Satã tornou-se um herói, já na década de 1970, para a mídia

alternativa como O Pasquim e para alguns capoeiristas impressionados por suas façanhas. Por isso, nada mais justo do que prestar-lhe essa homenagem em forma de cordel, de autoria de Lobisomem, no momento em que procuramos resgatar a rica história da capoeira no Rio de Janeiro.

Matthias Röhrig Assunção

Professor titular no Departamento de História da Universidade de Essex, Inglaterra, e autor do livro "Capoeira, The History of an Afro-Brazilian Martial Art" (Routledge, 2005)

[www.capoeirahistory.com](http://www.capoeirahistory.com)

"Aliás, já que estou falando nesses malandros, o Camisa Preta era valente e recebeu esse nome porque a pessoa dele estava sempre dentro de uma camisa preta mesmo. Não foi assassino e nem covarde e encarou quantas brigas apareceram. Reinou na Saúde, no Largo da Estiva e na Praça Mauá. Era um rei da malandragem e merece a fama que deixou.

Edgar também foi um verdadeiro valente. Me lembro muito bem que ele chegou na Lapa menininho e me procurou:

- O senhor é que é Madame Satã?
- O que é que você quer garoto?
- Quero aprender capoeira.
- E o que é que eu tenho com isso?
- Me chamo Edgard e queria que o senhor me ensinasse.
- Vá procurar tua turma menino.
- Me ensina seu Madame Satã !

Como o menino era de encarnar mesmo e de ficar pedindo e pedindo e pedindo até encher o saco, eu resolvi dar um sustinho nele e mandei a perna. O Edgard subiu um metro do chão e bosteou. Aí se levantou.

- Agora o senhor me ensina?

Levei o Edgard para a Praça Onze, onde malandros meus amigos eram muito entendidos em capoeira. E larguei o Edgard lá. Quatro ou cinco dias depois, vieram me buscar dizendo que tinha um menino das minhas relações metido numa briga. Fui olhar e vi o Edgard encarando dois soldados na perna."

(Memórias de Madame Satã, 1972 Ed.Lidador)



# As Valentias de MADAME SATÃ

Autor: Victor Alvim

Pela Lapa carioca  
Do Rio de antigamente  
Chegou um menino negro  
De africanos, descendente  
João Francisco dos Santos  
Com oito anos somente

Mil novecentos e oito (1908)  
O ano em ocasião  
Na Rua Moraes e Vale  
Situava-se a pensão  
O Hotel Itabaiano  
Onde morava o João

Longe de toda a família  
De sua terra natal  
Sem poder ter a infância  
De uma criança normal  
Vivendo com uma dona  
Felicidade de tal

Esta senhora dizia  
Que o João tinha adotado  
Mas na verdade, o garoto  
Era quase escravizado  
Trabalhando na pensão  
Sem ganhar nenhum trocado

O João lavava pratos  
Limpava toda a cozinha  
Entregador de marmitas  
Sem nenhuma moedinha  
Receber e pra brincar  
Nenhuma folga ele tinha

Saía pra fazer compras  
Pra Dona Felicidade  
Na Praça Quinze, ali mesmo  
Pelo centro da cidade  
E ali com outros meninos  
Foifazendo uma amizade

Moleques da sua idade  
No mercado carregavam  
Em balaio, muitas compras  
De senhoras, que pagavam  
Duzentos réis de gorjeta  
Pra aqueles que as ajudavam

Nos intervalos brincavam  
Faziam o que queriam  
Ganhavam suas gorjetas  
E livres se divertiam  
Olhavam para o João  
E não o compreendiam

Dos oito aos treze anos  
João trabalhou forçado  
Pra Dona Felicidade  
E disso estava cansado  
Com treze anos fugiu  
Pra viver pelo mercado

Carregando algumas compras  
Faturava o seu dinheiro  
Nas gorjetas das senhoras  
E ficava o dia inteiro  
Pelas ruas e o mercado  
Sem ter muito paradeiro

Pelas sobras do mercado  
Catava pra procurar  
Umam frutas amassadas  
Para se alimentar  
A noite ele procurava  
Um canto pra descansar

Num cesto desses de feira  
Deitava-se pra dormir  
Mas mantendo-se atento  
Sem poder se distrair  
Pois alguma crueldade  
Poderia esta por vir

No meio da madrugada  
Muitas vezes acordou  
Com o fogo incendiando  
O cesto em que se deitou  
Por maldade ou traquinagem  
Fogo nele alguém botou

João tinha a sua turma  
De amigos que viviam  
Como ele, pelas ruas  
E nessas horas se uniam  
Contra as turmas rivais  
As brigas aconteciam

Na Rua Joaquim Silva  
Juntava-se a molecada  
Na casa da cafetina  
Mais famosa da quebrada  
Conhecida por Catita  
Era braba e respeitada



Com cento e oitenta quilos  
E muito boa de briga  
Dessa turma do João  
A Catita era amiga  
E defendia os moleques  
Se houvesse alguma intriga

João com uma gorjeta  
Um dia foi comprar pão  
O dono da padaria  
Acusou-o de ladrão  
Tomou os seus pães comprados  
Deu uma surra em João

João chamou sua turma  
Voltaram na padaria  
Destruíram toda ela  
Pra vingar a covardia  
E a injustiça sofrida  
Do menino neste dia

Logo depois, a polícia  
Desta queixa receber  
Para a casa da Catita  
Dirigiram-se pra ver  
Se encontravam essa turma  
De moleques pra prender

A Catita recebeu  
A polícia na pancada  
Com tapas, murros e chutes  
Defendendo a molecada  
Os policiais surpresos  
Bateram em retirada

Uns poucos meses depois  
Na galeria Cruzeiro  
Um bonde vinha passando  
O João quem viu primeiro  
Cair do bonde, um embrulho  
Um pacote de dinheiro

O embrulho se rasgou  
As notas foram voando  
Cento e dezoito mil  
Réis na rua se espalhando  
E o menino assustado  
Agachado ia catando

Foi quando um guarda noturno  
Viu o garoto agachado  
E também saiu catando  
Todo dinheiro espalhado  
Imaginou que o João  
De alguém houvesse roubado

Levou o menino preso  
Para ele se explicar  
No Corpo de Segurança  
Começou a apanhar  
O carcereiro batia  
Para o roubo confessar

Com palmatória na sola  
Dos pés e também da mão  
Batiam de todo o jeito  
E o chamavam de ladrão  
O garoto só chorava  
Dizendo: — Não roubei não!

Foram dezenove dias  
De prisão injustamente  
Apanhando dia e noite  
Tortura de corpo e mente  
Rezando e só repetindo:  
— Não roubei, sou inocente!

Só no vigésimo dia  
Decidiram o soltar  
Mãos e pés em carne viva  
Muita dor pra caminhar  
Nem as compras no mercado  
Poderia carregar

Sem conseguir trabalhar  
Ficou ali no mercado  
Sozinho com muita fome  
Corpo todo machucado  
Catando alguma comida  
Onde o lixo era jogado

Alguns dias se passaram  
Sem nenhuma novidade  
Um senhor vendo o menino  
Dele teve piedade  
Oferecendo ao garoto  
Uma oportunidade

O seu nome era Bernardo  
Disse ao se apresentar  
Que louças de alumínio  
Vivia a fabricar  
Perguntou se o João  
Aceitava trabalhar

Na mesma hora, o moleque  
Falou que aceitaria  
Seu Bernardo se tornou  
Seu patrão naquele dia  
Saíam para vender  
Panela, balde e bacia.

Por mil e quinhentos réis  
A proposta ele aceitou  
Era pouco, mas melhor  
Do que tudo que passou  
E comida de verdade  
Naquele dia almoçou

Com seu primeiro salário  
Alugou um "pé de escada"  
Pra dormir ali debaixo  
No quintal de uma morada  
Pegava chuva e vento  
Mas era melhor que nada

Por cinco anos ficou  
Neste ofício trabalhando  
Vendendo de casa em casa  
Ao Seu Bernardo ajudando  
E debaixo dos degraus  
Do pé de escada morando.

Foi um período mais calmo  
Sem maiores desenganos  
Recebeu outras propostas  
Modificando seus planos  
Ser garçom num cabaré  
Quando fez dezoito anos

Agradeceu seu Bernardo  
Com gratidão e carinho  
Por cinco mil réis por mês  
Foi seguir outro caminho  
Com um salário melhor  
Pôde alugar um quartinho

Agora já era adulto  
Vivendo outros ambientes  
No meio das prostitutas  
De luxo e de seus clientes,  
Cafetinas, gigolôs  
E dos malandros valentes

Entre um dos mais famosos  
Estava o Sete Coroas  
Herdeiros, remanescentes  
Dos Guaiamuns e Nagoas  
As maltas de capoeira  
Temidas pelas pessoas

As maltas foram extintas  
Da capital federal  
O Rio era, nesse tempo,  
Do Brasil, a capital  
A capoeira era crime  
Pelo código penal

Porém a capoeiragem  
Marginalmente vivia  
E o Sete Coroas era  
Famoso na valentia  
Na pernada ou na navalha  
Suas coisas resolvia

No meio desses valentes  
Do mundo da malandragem  
João agora vivia  
E diga-se de passagem  
Tornou-se um dos melhores  
Bambas da capoeiragem

Durante o dia na praia  
Das Virtudes ele andava  
Se exercitando, correndo,  
Capoeira praticava  
E quilômetros no mar  
Diariamente nadava

Foi por isso é que ganhou  
Dos bambas, um apelido  
O codinome fez fama  
João substituído  
Por "Caranguejo da Praia  
Das Virtudes" conhecido

Pesando cento e dez quilos  
Sem ter uma grande altura  
Um metro e setenta e cinco  
Quase zero de gordura  
O Caranguejo da Praia  
Era só musculatura

Chinelo cara-de-gato  
E a calça engomadinha  
Camisa branca de seda,  
Chapéu feito de palhinha,  
No seu bolso, uma navalha  
Chamada de pastorinha

Mas ser malandro na Lapa  
Era ser desafiado  
A todo e qualquer momento  
Por outros ser provocado  
E também pela polícia  
Abordado e acusado

O Caranguejo da Praia  
Costumava ser pacato  
Fingia até não ouvir  
Ignorar desacato  
Porém se fosse preciso  
la pras vias de fato

Era bastante educado  
E gostava de respeito  
Se alguém o provocasse  
Procurava ainda um jeito  
Pra evitar confusão  
Qualquer que fosse o sujeito

Confusões e injustiças  
Desde os tempos de menino  
Pareciam perseguí-lo  
Ou ser esse o seu destino  
Por mais que João pedisse  
A proteção ao Divino

Diária ou semanalmente  
Fazia-se necessário  
O Caranguejo brigar  
Com algum adversário  
Que vinha pra fazer fama  
Ou pra lhe tirar de otário

Quando entrava em contenda  
Acabava a anedota  
No mano a mano, João  
Não conhecia derrota  
Começou a fazer fama  
Com seu tapa de canhota

Em pouco tempo, João  
Fez a fama de valente  
O Caranguejo da Praia  
No meio de toda a gente  
Tornou-se bem conhecido  
No Rio de antigamente

João nunca escondeu  
Ser homossexual  
Motivo pra aumentar  
O preconceito geral  
Provocação dos brigões  
E a força policial

Respondia o preconceito  
E derrubava no chão  
Com pernada, com rasteira,  
E o peso da sua mão,  
Nocauteando o otário  
Metido a ser mais machão

Entre brigas e trabalhos,  
Malandros e marginais,  
Prostitutas, travestis,  
Sambistas, policiais,  
A vida do Caranguejo  
Era agitada demais

De Pernambuco chegou  
Notícia de seu irmão  
Que queria se meter  
Numa grande confusão  
De brigar com cangaceiro  
Do bando de Lampião

Pra tentar apaziguar  
Partiu pra lá de navio  
Aconselhar seu irmão  
E ao voltar para o Rio  
O tal navio enguiçou  
Ao passar por Cabo Frio.

Um alarme de emergência  
Gerou grito e correria  
Um guarda policial  
Servindo a capitania  
Empurrou o Caranguejo  
Provocando uma ingrisia

Caranguejo reclamou  
De novo foi empurrado  
Respondeu com galopante  
Na cara desse abusado  
Foi preso para a Alfândega  
Porém logo liberado

Na Lapa, a agitação  
Como costume, seguia  
Samba, brigas, carteados,  
Glamour, fama e baixaria  
Caranguejo tinha o sonho  
De ser artista algum dia

Lá no bairro do Catete  
Buscou um novo roteiro  
Rua Silveira Martins  
O seu novo paradeiro  
Em pensão familiar  
Passou a ser cozinheiro

Nos intervalos e folgas  
Do trabalho na pensão  
Confidenciava a poucos  
O sonho da profissão  
Cantando Carmem Miranda  
Fazendo essa imitação

Imitava algumas várias  
Outras vozes femininas  
Cantoras daquele tempo  
E também as dançarinas  
Do teatro de revista  
E casas de jogatinas

Somente entre os seus amigos  
Com quem tinha intimidade  
Até quando apareceu  
Uma oportunidade  
Pro João se apresentar  
Como artista de verdade

Com seus vinte e oito anos  
Já sentia-se cansado  
Daquela vida confusa  
De ser tanto hostilizado  
E achou que a sua hora  
Agora havia chegado.

Fez um teste no teatro  
Lá na Praça Tiradentes  
O diretor aprovou  
Ficaram todos contentes  
João seguiria agora  
Por caminhos diferentes

Ensaiou, se preparou  
Pra cantar e pra dançar  
O figurino, um vestido  
Vermelho pra estrear  
Tudo pronto pra "Mulata  
Do Balacochê" reinar

Seria seu nome artístico  
Naquele show tão bacana  
O nome da peça era  
"Loucos em Copacabana"  
Platéia sempre lotada  
Durante toda a semana

Na noite de sua estréia  
Apesar de bem nervoso  
Apresentou com talento  
Um trabalho primoroso  
O público respondeu  
Aplaudindo, fervoroso

Nas semanas que vieram  
O sucesso foi total  
Realizando o seu sonho  
De ser artista, afinal  
Muito bem remunerado  
Quinze mil réis semanal

Numa noite após o show  
Foi bastante elogiado  
Seguiu sozinho pra casa  
Caminhando emocionado  
Feliz pelos novos rumos  
Que a vida havia tomado

Pensou em dar uma volta  
Nos cabarés pra contar  
Para todos do sucesso  
Que conseguiu encontrar  
Mas achou melhor não ir  
Pras confusões evitar

Havia um restaurante  
Ao lado do seu sobrado  
Decidiu parar ali  
Pois não havia jantado  
Certificou-se primeiro  
Estar tudo sossegado

Sentou-se tranquilamente  
Sem ter mais ninguém por perto  
Ao garçom fez seu pedido  
Parecia tudo certo  
Quando adentrou no recinto  
Um guarda chamado Alberto

Um guarda civil que tinha  
Má fama por ser brigão  
Chegou já alcoolizado  
Encostando no balcão  
Encarando o Caranguejo  
De cassetete na mão.

– Veado! Gritou Alberto  
Desafiando ao rapaz  
O Caranguejo sabia  
Do que seria capaz  
Mas lembrou que finalmente  
Sua vida estava em paz

Não queria estragar  
Sua paz tão almejada  
Fingindo não escutar  
Com a cabeça abaixada  
Mas o Alberto insistia  
Gritando:- Bicha safada!

Caranguejo não fez nada  
Quis evitar confusão  
Pois podia atrapalhar  
Sua nova profissão  
Se ele se machucasse  
Ou parasse na prisão

Alberto pediu cachaça  
Bebeu e continuou  
E de veado safado  
Da terceira vez xingou  
Dessa vez, o Caranguejo  
Da mesa se levantou



Dirigiu-se para o fundo  
Foi lavar as mãos na pia  
Pra ver se o tal do Alberto  
De provocar desistia  
Pois perder a sua paz  
Caranguejo não queria

Ao voltar pra sua mesa  
E sentar-se novamente  
O Alberto veio andando  
Parando na sua frente  
Continuou os insultos  
Xingando insistentemente.

Caranguejo argumentava:  
— Me deixe em paz por favor!  
Vou jantar e ir pra casa  
Pois eu sou trabalhador!  
— Seu trabalho é dar a bunda!  
Respondeu o agressor.

— Você sabe quem eu sou?  
Gritou o guarda, folgado  
Caranguejo já perdia  
A paciência ao seu lado  
Respondeu: - Você não passa  
De um cururu fardado!

O guarda no mesmo instante  
Com o cassetete bateu  
Na cara do Caranguejo  
Na hora, o sangue desceu  
Sentado, sem reagir  
Ele nada respondeu.

O Alberto o ofendeu  
Mais uma vez e pediu  
No balcão, outra cachaça  
O Caranguejo saiu  
Do bar, todo ensanguentado  
Pra sua casa subiu

Chorando, ele refletiu  
Porque não quis revidar  
Pra carreira de artista  
De forma alguma estragar  
Se o preço fosse esse  
Disposto estava a pagar

Via o sangue se espalhar  
Ao choro se misturava  
A tristeza com a raiva  
Em tanta coisa pensava  
No teatro e em sua fama  
De valente que levava.

Na sua casa, estava  
Um revólver empenhado  
Era do Sete Coroas  
Com ele estava guardado  
O Caranguejo voltou  
Pro restaurante, armado

O Alberto bem folgado:  
— O veadozinho voltou!  
Pra cima do Caranguejo  
Novamente ele avançou  
Mas um tiro de revólver  
Como resposta tomou.

O guarda Alberto tombou  
Morrendo na mesma hora  
O Caranguejo virou  
As costas e foi-se embora  
Sem saber o que a vida  
Reservaria-lhe agora.

Foi abrigar-se na casa  
De uma amiga bem antiga  
Muitos dias escondido  
Até que essa sua amiga  
Contratou advogado  
Pra ajudar-lhe nessa briga

Junto com o advogado  
Partiu pra delegacia  
Entregou-se pra polícia  
A julgamento ele iria  
Condenado, pro presídio  
Da Ilha Grande partia.

A carreira no teatro  
Tinha ido pelo ralo  
Trabalho e casa decentes  
Sumiram em um estalo  
Agora só a cadeia  
É que estava a aguardá-lo.

Com trezentos outros presos  
Entrou num rebocador  
Doze horas pelo mar  
Travessia de terror  
Ao chegar na Ilha Grande  
Ordenava o diretor:

— Chegando a duzentos metros  
Da praia, venham nadando  
Os presos então, do barco  
Vinham todos mergulhando  
Quem demorasse a pular  
Os guardas iam empurrando

Chegando em terra firme  
Caminhavam pela trilha  
Por dezessete quilômetros  
Muita cobra na rodilha  
Carregando mantimentos  
Para o presídio da Ilha.

Os presos amontoados  
Comida, quase não vinha  
Só pão , uma sopa rala  
E um punhado de farinha  
A folha de bananeira  
Era a cama que se tinha.

Misturavam criminosos  
Da mais alta bandidagem  
Com homens inofensivos  
Presos só por vadiagem  
Mas que ficavam perversos  
Na vida da carceragem

Caranguejo se enturmou  
E logo fez amizade  
Tinha bom comportamento  
E teve oportunidade  
Que só não era melhor  
Que ganhar a liberdade

Conseguiu ser cozinheiro  
Na casa de um general  
Diretor lá do presídio  
Já não vivia tão mal  
Passou a ter, como preso  
Tratamento especial

Dezesseis anos de pena  
Ele tinha pra cumprir  
Porém, seu advogado  
Continuava a insistir  
Terminou absolvido  
E já podia sair

Na Lapa estava de volta  
Tentando rearrumar  
Sua vida novamente  
Procurando trabalhar  
Visitando os cabarés  
E botequins do lugar

No Cabaré Casa Nova  
Certa noite conversando  
Um homem desconhecido  
Aproximou-se gritando:  
– Vai pagar pelo que fez  
Eu vou logo te avisando!

Sua amiga cochichou:  
— Caranguejo, olho aberto!  
É polícia e é irmão  
Do falecido Alberto.  
O homem gritou de novo  
Agora já bem mais perto.

Caranguejo levantou  
Dessa vez fez diferente  
Deu um tapa de canhota  
Na cara do tal valente  
Que caiu estatelado  
No meio de toda a gente

O homem se levantou  
Numa atitude ligeira  
Deu um soco de direita  
Caranguejo deu rasteira  
O homem caiu de novo  
Por cima de uma cadeira

O irmão do Alberto foi  
Embora no prejuízo  
Lá de fora repetiu:  
— Caranguejo, eu te aviso  
Você ainda vai pagar  
Eu faço o que for preciso!

Caranguejo nem ligou  
Com aquelas ameaças  
Pensando: Quem muito fala,  
Só quer mesmo fazer graça  
Não mudou sua rotina  
Continuando na praça

Um amigo advertiu:  
— O cara quer se vingar  
Da morte do irmão dele  
É melhor se preparar  
Guarde aqui esse revólver  
Você pode precisar.

Caranguejo recusou  
Mas terminou aceitando  
Na Lapa, todos diziam  
Ao Caranguejo alertando:  
— O irmão do guarda Alberto  
De morte está te jurando.

Dois malandros conhecidos  
Saturnino e Gavião  
Mandaram-lhe um recado  
Com a comunicação  
Que queriam encontrá-lo  
Pra uma conversaço

Para a Taberna da Glória  
Caranguejo foi pra lá  
O revólver na cintura  
E beijou seu patuá  
Com fé nos seus protetores  
Confiando em Oxalá

O Ford parou em frente  
Da Taberna e ele entrou  
Assim que passou da porta  
Logo um tiro lhe acertou  
O irmão do falecido  
Alberto quem atirou

O homem fugiu pensando  
Que o João tinha morrido  
Gritava comemorando  
O Caranguejo caído  
Puxou também sua arma  
E ouviu-se o estampido

Um tirou pegou na perna  
O homem caiu gritando  
Caranguejo levantou-se  
Outro tiro disparando  
O segundo foi na bunda  
O homem a Deus clamando

O Ford do taxista  
Em frente ainda parado  
O Caranguejo entrou nele  
Com o ombro ensanguentado  
O irmão do Alberto ficou  
Para sempre aleijado

Depois do ombro curado  
Um processo respondeu  
Tentativa de homicídio  
Mas o juiz entendeu  
Por legítima defesa  
A justiça o absolveu

Esses casos aumentaram  
Sua fama ainda mais  
Por ter tirado de cena  
Esses dois policiais  
Que eram bastante injustos  
E folgados por demais

Mas passou uma semana  
Caranguejo vinha a pé  
Na Avenida Mem de Sá  
No Pigalle Cabaré  
Decidiu entrar um pouco  
Só pra tomar um café

Na porta, um homem forte  
Bloqueou a sua entrada  
Dizendo pro Caranguejo:  
- Você não entra por nada!  
Sua bicha vagabunda,  
Sua assassina safada!

— Vai pagar o que me deve  
Mas será em outra hora  
Portanto acho melhor  
Você já ir dando o fora  
Ou será que quer pagar  
A dívida aqui e agora?

Caranguejo respondeu:  
— Não devo nada a ninguém  
Vou entrar no cabaré  
Seja por mal ou por bem!  
O homem era irmão  
Do tal Alberto também.

Agarrou o Caranguejo  
No pescoço com a mão  
Com desejo de vingança  
Pela morte de um irmão  
E o outro que ficou  
Sem poder andar mais não

Empurrou o Caranguejo  
Na direção da calçada  
Caranguejo inverteu  
Com uma banda traçada  
Desarmando o tal polícia  
E baixando-lhe a pancada

Chegaram mais dois soldados  
Guardas de Cavalaria  
Prenderam o Caranguejo  
Todos pra delegacia  
Mais dois anos na cadeia  
Caranguejo ficaria

Os dois anos se passaram  
Na Casa de Detenção  
Logo que foi libertado  
Voltou a perseguição  
Na Lapa, o abordaram  
Por ordem de um capitão:

— Capitão Queiroz te chama!  
Bradou o policial  
Com chapéuzinho vermelho  
Da Polícia Especial  
— Mandou eu levar você  
Seja por bem ou por mal!







Caranguejo se negou  
Porque nada havia feito  
De errado motivando  
A intimação do sujeito  
Que gritou pro Caranguejo:  
– Você vai de qualquer jeito!

Caranguejo de canhota  
Acertou nele uma tapa  
O polícia desmaiou  
Ficou caído na Lapa  
Caranguejo por dez dias  
Desapareceu do mapa

A Polícia Especial  
Atrás dele se mantinha  
Certa noite ele jantava  
Veio um carro baratinha  
Desceu um policial  
Chamado de Ferreirinha

Ferreirinha já chegou  
Com seu revólver na mão  
Do tal Capitão Queiroz  
Trazia a intimação  
Insultando o Caranguejo  
E xingando palavrão

O guarda esbravejava  
Caranguejo respondia  
Com deboche bem tranquilo  
Repetindo que não ia  
Juntou uma multidão  
Pra ver o que acontecia

– Eu te levo vivo ou morto!  
Ferreirinha ameaçava.  
– Pois então me mate logo!  
Caranguejo retrucava  
Pra assistir a discussão  
Mais gente se aglomerava

Caranguejo aproveitou  
Um lance de distração  
Tomando do Ferreirinha  
A arma de sua mão  
Desferiu uma rasteira  
Jogando o homem no chão

O Ferreirinha assustado  
Teve medo de morrer:  
– Caranguejo por favor  
O que você vai fazer?  
Pelo amor de Deus , desculpe  
Vir aqui te aborrecer!?

Caranguejo com a arma  
Mais um pouco se afastou  
Ouviram-se quatro tiros  
Caranguejo disparou  
Nos quatro pneus do carro  
Do Ferreirinha atirou.

No ano de trinta e oito(1938)  
No tempo de carnaval  
Aconteceu um concurso  
Com um prêmio especial  
Para a melhor fantasia  
E pra mais original

Caranguejo inscreveu-se  
Pro concurso anunciado  
De morcego do sertão  
Ele foi fantasiado  
Foi bastante aplaudido  
E terminou premiado

No cinema havia um filme  
Que estava muito assistido  
Sua roupa de morcego  
Com este foi confundido  
E assim "Madame Satã"  
Tornou-se um novo apelido

Ele ainda argumentou  
O equívoco explicava  
Pois desse novo apelido  
No começo não gostava  
Chegando até a agredir  
Quem dessa forma o chamava

Porém logo percebeu  
Que não ia adiantar  
Quanto mais se incomodava  
Mais fazia se espalhar  
O seu recente apelido  
Terminou por aceitar

Nos bares e restaurantes  
Passou a ser cobiçado  
Pra fazer a segurança  
Satã era contratado  
Na freguesia da Lapa  
Pelos donos, disputado.

Por onde ele trabalhava  
Não acontecia assalto  
Muito menos vagabundo  
Chegava falando alto  
O ambiente de respeito  
Tranquilo, sem sobressalto

Madame Satã tornou-se  
Na Lapa e adjacências  
Protetor de muitas casas  
Quando haviam violências  
Mandavam logo chamá-lo  
Resolvendo as ocorrências

O Café Colosso era  
O seu ponto principal  
Certa noite, lá estava  
Correndo tudo normal  
Foi chamado para ver  
Briga num outro local

Havia um policial  
Espancando uma mulher  
Madame Satã chegou  
Intrometendo a colher  
O homem gritou: - Veado!  
- O que é que você quer?

- Eu quero paz no recinto.  
Satã falou ao soldado  
- Você quer é um cacete!  
Bem grosso e avermelhado!  
O guarda continuou:  
- Sai daqui ô seu veado!

Já desferindo um soco  
Na cara bem de surpresa  
Madame Satã tombou  
Com as costas numa mesa  
Partiu para o contra ataque  
Em legítima defesa

Satã derrubou de banda,  
Rabo de arraia e pisão  
A mulher também bateu  
Revidando a agressão  
O homem nem conseguiu  
Fazer mais nenhuma ação

Chegou a rádio patrulha  
Pra socorrer seu colega  
Madame Satã dizia:  
- Pancada nunca se nega!  
Enfrentou mais três soldados  
Em todos dando uma pega.

A polícia sempre teve  
E tinha cada vez mais  
Perseguição aos malandros  
E aos homossexuais  
Madame Satã ainda  
Batia em policiais

Portanto a perseguição  
A ele era triplicada  
Pra morrer faltava pouco  
A barra estava pesada  
Decidiu ir pra São Paulo  
Procurar nova empreitada

Lá no interior paulista  
Trabalhou pra fazendeiro  
Com cana, café, cavalos,  
Cuidou de gado leiteiro  
Mas terminou retornando  
Para o Rio de Janeiro.

Na Lapa, seu território  
Trabalho era garantido  
Veio o outro carnaval  
Foi tudo bem divertido  
Concursos de fantasias  
Brigou até travestido

As confusões prosseguiram  
Dessa vez com um sargento  
Do exército sentado  
Olhando a todo momento  
Na direção de Satã  
Que teve um pressentimento

O sargento levantou  
Já gritando: — vai morrer!  
Atirou por quatro vezes  
Seguidas sem se mexer  
Na direção de Satã  
Que não pôde nem correr

Nenhum deles acertou  
No gatilho ele seguia  
Na quinta vez, engasgou  
Também não funcionaria  
A arma no sexto tiro  
Novamente engasgaria.

O sargento percebeu  
Que entrara em apuros  
Madame Satã iria  
Cobrar aquilo com juros  
O homem correu bastante  
Mas tomou dois golpes duros

Madame Satã , além  
De derrubar com rasteira  
Pegou-o na rua Taylor  
E o virou pela traseira  
Com o aço da navalha  
Talhou sua bunda inteira

O sargento foi levado  
Direto para o hospital  
Vinte pontos pela bunda  
Com mais trinta no dorsal  
Madame Satã foi preso  
Em flagrante no local

Presídio da Ilha Grande  
Seu destino novamente  
Sua vida foi assim  
Um entra e sai bem frequente  
Nos presídios e cadeias  
Um inferno permanente

No barco pra Ilha Grande  
Na viagem demorada  
Os guardas o permitiram  
No meio da madrugada  
Cantar e dançar pra todos  
Pensando não dar em nada.

Imitou Carmem Miranda  
Na proa da embarcação.  
Todos riam, aplaudiam,  
A bela apresentação  
Satã mergulhou na água  
E sumiu na escuridão.

Nadou toda a madrugada  
Até ao amanhecer.  
De repente, o Pão de Açúcar  
Satã já podia ver  
Foi só chegar no Leblon  
Pra polícia lhe prender.

Chegando na Ilha Grande  
Normalmente conseguia  
Por já ser bem conhecido  
Lugar na lavanderia  
Amenizando um pouquinho  
O sofrimento e agonia

Mas cadeia é covardia,  
Maus tratos e humilhações,  
Seja entre os prisioneiros,  
Carcereiros, guardiões,  
Violência a todo tempo,  
São infernos, as prisões.

Madame Satã gingava,  
Procurando se esquivar  
De toda essa violência  
Que vivia a lhe cercar  
Mas se mexessem com ele  
Ficava ruim de aturar.

Certa vez na Ilha Grande,  
Foi herói ao impedir  
Uma caldeira fervendo  
Já prestes a explodir  
Muita gente ia morrer,  
Tudo em volta destruir.

Arriscou a sua vida  
Saindo todo queimado  
Ficou com pneumonia  
Um tempo hospitalizado  
Mas satisfeito por ter  
Essa tragédia evitado.

Depois de cumprir as penas  
Pra Lapa sempre voltava.  
Protegendo restaurantes  
Eboates trabalhava  
Certeza também em breve  
Numa confusão entrava

Foi no Largo do Machado  
Que bebia uma gelada.  
Entraram quatro rapazes  
De família endinheirada,  
Falando alto e fazendo,  
Com sua cara, piada.

Fingindo não entender  
Mas com a canhota pronta  
Escutou-os combinarem  
Uma aposta de afronta.  
Quem não fizesse o proposto  
É que pagaria a conta.

Apostaram de passar  
Mão na bunda do «veado»  
Aquele que não passasse,  
Era desclassificado,  
Pagando o total da conta  
Que todos tinham jantado.

Madame Satã passou  
De propósito na frente  
Dos rapazes que vieram  
Muito debochadamente  
Pra passar a mão na bunda  
Desconhecendo o valente

Madame Satã riscou  
O chão dando uma rasteira  
Ao mesmo tempo rasgava  
O vento numa ligeira  
Sequência de pontapés:  
Pisão, benção, calcanheira.

Os rapazes que gostavam  
De jogarem piadinha,  
Brincar de fazer aposta  
E chamarem de bichinha,  
De passar a mão na bunda  
Não fizeram mais gracinha

Os quatro foram jantados  
Na porrada com vontade.  
Madame Satã ainda  
Avisou pra mocidade:  
— Veado não é bagunça!  
Virem homens de verdade!

Numa noite em que estava,  
Tranquilo a se divertir  
Pela Taberna da Glória,  
A cafetina Nair  
Apareceu, bem nervosa,  
Pra sua ajuda pedir

Nair era sua amiga  
E de pronto ele atendeu  
No caminho foi ouvindo  
O que foi que aconteceu:  
Calote na prostituta,  
Um bando de homens deu.

Eram cinco militares  
Foram indo um por um  
Pra desfrutar dos serviços  
Da moça, porém nenhum  
Ao final da diversão  
Não pagou dinheiro algum.

Madame Satã tentou  
Agir com diplomacia  
Pedindo na educação  
Porém com antipatia  
Recebeu a negativa  
Começando a covardia.

Vieram os tais rapazes  
Mais outros apareceram  
No total doze soldados  
Pra cima dele correram  
Eram doze contra um  
E muito nele bateram

Mas o valente Satã  
Parecia nem ligar.  
Enfrentava todos eles,  
Sem vontade de parar.  
Parecia indiferente  
Por bater ou apanhar.

Ao sentir-se já cansado  
Empunhou sua navalha  
Assim ia afastando  
Aquela trupe canalha,  
Usava também garrafas,  
Só não jogava a toalha.

Chegou a rádio patrulha,  
Todo mundo foi levado  
Por incrível que pareça,  
Satã foi inocentado.  
Os militares punidos  
E o caso foi encerrado.

Lá no Dancing Carioca  
Também foi acontecer  
Uma moça apanhava  
O Satã foi se meter  
Entre ela e o soldado  
Que estava a lhe bater.

Todos pra delegacia  
No final, o delegado  
Mandou liberarem todos,  
O Satã aliviado  
Quando ouviu a voz dizendo:  
— Só não libera o veado!

O delegado ordenou  
Aos polícias de plantão  
Mandá-lo para o xadrez  
Mas antes a punição  
De vinte e quatro pauladas  
De palmatória na mão.

Os quatro policiais  
No maior empurra empurra  
Pra ver qual dos quatro iria  
Aplicar aquela surra  
Sabendo que a decisão  
Do superior foi burra.

O delegado entrevistou,  
A palmatória pegou:  
— Seus medrosos e covardes!  
Aos policiais gritou.  
Dizendo: – eu mesmo bato  
E ao Satã ordenou:

— Estenda logo essa mão!  
Satã então estendeu  
A mão direita, enquanto  
Com sua esquerda bateu  
Na cara do delegado,  
Um murro forte lhe deu.



O delegado caiu  
Por pouco não desmaiou.  
Os outros quatro partiram  
Pro Satã, que os enfrentou  
Com murros e cabeçadas,  
A porrada ali cantou.

Mais um tempo na cadeia  
E assim que tinha saído,  
Continuou, como sempre,  
Sendo muito perseguido.  
Sair um pouco do Rio  
Por ele, foi decidido.

Partiu então pra São Paulo,  
Desta vez pra capital  
Pra ver se lá conseguia  
Levar a vida normal,  
Viver feito um cidadão  
Do tipo convencional.

Foi convidado pra ser  
O gerente de um bordel.  
Corria tudo tranquilo,  
Mas um tal de Gabriel,  
Espancava uma mulher,  
Num ridículo papel.

Madame Satã entrou  
Pra defender a menina.  
Nocauteou Gabriel  
Voltando a sua rotina  
De brigas e confusões,  
Sua paz virou ruína.

Um primo do Gabriel  
Entrou na remandiola  
Pra comprar o seu barulho  
Chegando lá de pistola.  
Resumo final de tudo:  
O Satã foi pra gaiola.

Treze meses de prisão  
Pela capital paulista.  
O delegado lhe fez  
Uma proposta simplista:  
— Dez anos longe daqui  
E eu solto você na pista.

Na mesma hora, Satã  
Aceitou sem questionar.  
Por dez anos em São Paulo  
Não poderia pisar.  
Assinou o documento,  
Foi solto pra retornar.

Sua briga mais famosa  
De toda a sua carreira,  
Entrou também pra história  
Da música brasileira,  
Pois logo depois da briga,  
Morreu Geraldo Pereira.

Madame Satã estava  
Bebendo no bar Capela  
Curtindo tranquilamente,  
No meio da clientela,  
Mas sua tranquilidade,  
Geraldo acabou com ela.

O sambista já chegou  
Falando muita bobagem.  
Dizendo que não gostava  
De bicha e de veadagem,  
Dizendo que era o brabo,  
Contando muita vantagem.

Madame Satã tentava  
Agir elegantemente  
Mas Geraldo provocava  
A ele diretamente,  
Até quando a paciência  
Esgotou completamente.

Foi um tapa de canhota  
E um pontapé na barriga  
Geraldo caiu batendo  
A cabeça numa viga,  
Já foi o suficiente  
Pra finalizar a briga.

Geraldo ficou no chão,  
Satã desapareceu.  
Ninguém sabe bem , ao certo  
O que foi que aconteceu,  
Mas poucos dias depois,  
O sambista faleceu.

No meio das confusões  
Vieram lhe avisar  
De uma oportunidade  
Para ao teatro voltar  
Lá na Praça Tiradentes  
Com o diretor Najar

Madame Satã fez teste  
Por Najar foi aprovado  
Novamente a esperança  
Dele viver sossegado  
Perto do mundo da arte  
E das brigas afastado

Começou a temporada  
Tudo na tranquilidade  
Semanas depois, Najar  
Anunciou novidade:  
Fariam uma turnê  
Para fora da cidade

— Iremos para São Paulo!  
O Najar anunciou  
— E você irá conosco!  
Para Satã afirmou  
Daquela proibição  
Madame Satã lembrou

Por dez anos em São Paulo  
Não poderia pisar  
Foi o trato que fizera  
Mas resolveu arriscar  
Com o grupo de teatro  
Puseram-se a viajar

Partiram pra Taubaté  
Estrearam lá primeiro  
Teatro sempre lotado  
Ficaram um mês inteiro  
Depois pelo interior  
Seguiram no seu roteiro

Tudo ia muito bem  
O sucesso era total  
E finalmente chegaram  
Em São Paulo, capital  
Uma semana correu  
Por ali, tudo normal

Satã foi reconhecido  
la sendo vigiado  
Depois da apresentação  
Um dia foi abordado  
O delegado Amoroso  
Havia o intimado

Sem nenhuma resistência  
Foi levado pro distrito  
O Delegado Amoroso  
Também não criou atrito  
Relembrando de seu trato  
Registrado por escrito

Reafirmaram o acordo  
Sem nenhuma discussão  
Satã acatou a ordem  
Pois estava sem razão  
la embora de São Paulo  
Sem nenhuma concessão

No dia seguinte foi  
Do Najar se despedir  
Explicando o seu motivo  
Por não poder prosseguir  
Deu adeus a todo elenco  
Triste teve que partir

Voltando para a Lapa  
Ele abriu uma pensão  
Lá na Rua Conde Lages  
Mas logo uma confusão  
Levou Madame Satã  
Novamente pra prisão

Pois durante alguns dias  
Da pensão se ausentou  
Pra fazer obrigação  
De santo, se retirou  
No Candomblé de João  
Da Goméia ele ficou

Foi durante este período  
Em que ele esteve ausente  
Dentro da sua pensão  
Assaltaram um cliente  
E Madame Satã foi  
Acusado injustamente

Mas não foi pra Ilha Grande  
Que dessa vez foi levado  
Foi na Penitenciária  
Central que ficou pegado  
Pra viver mais alguns anos  
Na vida encarcerado

Nesta penitenciária  
O diretor prisional  
Chamava-se Castro Pinto  
Bem temido no local  
Era um homem violento  
De caráter bem brutal

Um dos castigos que dava  
Nas perversas empreitadas  
Botava o preso de quatro  
Com as calças arriadas  
Na bunda e nos testículos  
Desferia as pauladas

Madame Satã ouviu  
A descrição do castigo  
Entre os presos conversando  
Comentou com um amigo:  
— Ele não é nem maluco  
De fazer isso comigo!

— Se tentar fazer comigo  
Essa grande humilhação  
Uma pistola eu consigo  
Aqui mesmo na prisão  
E mando esse diretor  
Pro inferno com o cão!

No mesmo dia, mais tarde  
Algum preso delator  
Um cagete safado  
Puxa saco, traidor  
Deste comentário feito  
Foi contar pro diretor

O Tenente Castro Pinto  
Ordenou que se buscasse  
Madame Satã na cela  
E em sua sala levasse  
Para que desta ameaça  
O Satã se explicasse.

De palmatória na mão  
Castro Pinto o aguardava  
Dentro do seu gabinete  
Em silêncio o encarava  
Madame Satã em pé  
Ao diretor só olhava

— Pois não, senhor diretor?  
Madame Satã falou  
O Tenente Castro Pinto  
Bem sério, o perguntou:  
— É verdade o que disseram  
Que o senhor comentou?

— É verdade sim senhor  
Na bunda ninguém me bate  
Isso é muita humilhação  
Não aceito esse maltrate  
Não tente fazer comigo  
Melhor logo que me mate

— Quem fizer isso comigo  
Depois volto pra matar  
Porque me deixar de quatro  
E na bunda eu apanhar  
É humilhação demais  
Jamais irei aceitar!

O diretor do presídio  
Tinha ódio na feição  
Seus subordinados guardas  
Na mesma situação  
Sedentos pra aplicarem  
Em Satã essa lição

Madame Satã já estava  
Para o pior, preparado  
Porém o Tenente Castro  
Apesar de revoltado  
Ordenou que para a cela  
O preso fosse levado

A notícia se espalhou  
Pelo Presídio Central  
Todos tinham a certeza  
Que iria acabar mal  
A afronta de Satã  
Frente ao diretor geral

Bem tarde da madrugada  
Na sua cela chegaram  
Vários guardas do presídio  
E ao Satã acordaram  
Mandaram se levantar  
E lá pra fora o levaram

Caminhando em silêncio  
No meio da escuridão  
Cercado pelos agentes  
Num momento de tensão  
Até que o colocaram  
Na mala de um camburão

Nada via, só ouvia  
O barulho do motor  
Ao abrirem a caçapa  
Do camburão do terror  
Avistou a praça XV  
E o barco rebocador

O tenente Castro Pinto  
Ordenou a transferência  
De Satã pra Ilha Grande  
Em caráter de urgência  
Pelo jeito, teve medo  
De agir com violência.

Mais alguns anos na Ilha  
Vivendo presidiário  
Um terço de sua vida  
No sistema carcerário  
Somou 27 anos  
Passando esse calvário

Entrou e saiu mais vezes  
A última vez se deu  
Entrando em 55 (1955)  
Mais sete anos viveu  
Na década de sessenta  
Liberdade recebeu

Com mais de sessenta anos  
Seguia forte e valente  
Com a esperança ainda  
De viver tranquilamente  
Saiu da cadeia e foi  
Para a Lapa novamente

Bastante modificada  
Percebeu a Lapa agora  
Já não era a mesma Lapa  
Daqueles tempos de outrora  
Refletiu e decidiu  
Era tempo de ir embora

Partiu pra rodoviária  
E comprou sua passagem  
Do Rio a Mangaratiba  
Pra depois seguir viagem  
Foi morar na Ilha Grande  
Mas fora da carceragem.

Com a ajuda dos amigos  
Conseguiu um bom lugar  
E até o fim da vida  
Na Ilha escolheu morar  
Conseguiu pra nunca mais  
Numa cela habitar

Afinal chegou o tempo  
De uma sorte mais maneira  
Cultivando as amizades  
Curtindo a vida praieira  
Assando peixe enrolado  
Em folha de bananeira

De contar suas histórias  
Nas diversas entrevistas  
Pra televisão, jornais  
Pra livros e pra revistas  
Ver suas fotografias  
Juntas de tantos artistas

Com setenta e seis anos  
Depois de tanto tentar  
E por centenas de vezes  
Madame Satã driblar  
A morte então conseguiu  
O levar pra passear

No enterro colocaram  
Sobre o caixão seu chapéu  
Pra chegar bem elegante  
Na hora de entrar no céu  
Porém dizem que no inferno  
Primeiro fez escarcéu

Conta a lenda que ao morrer  
Pro inferno foi levado  
Que ao adentrar o recinto  
O diabo debochado  
Olhou pra Satã gritando:  
— Lá vem vindo esse veado!

Então Madame Satã  
No capeta deu rasteira  
Galopante de canhota  
E um tombo da ladeira  
Fez o diabo chorar  
Pra não falar mais besteira

Plantou uma bananeira  
Subiu de salto mortal  
Pois na Terra sua vida  
Já tinha sido infernal  
Agora iria viver  
No reino celestial

Aonde está enterrado  
Nunca mais nasceu nenhum  
Mato desses vagabundos  
Nem nasce capim comum  
Nasce espadas de São Jorge  
E crescem lanças de Ogum.

FIM - Julho/2019



# PERNAMBUCO e PARAÍBA — O INÍCIO

A história de João  
Francisco iniciará  
No estado de Pernambuco  
Lá em Glória do Goitá  
Nasceu na Zona da Mata  
Fazenda Tamboatá

O século dezenove  
Em seu ano derradeiro  
Era mil e novecentos  
O mês era fevereiro  
Foi no dia vinte e cinco  
Que nascia esse guerreiro

Sua mãe Dona Firmina  
Teresa da Conceição  
Que com Manoel Francisco  
Dos Santos em união  
Tiveram dezoito filhos  
Sendo um deles, o João

Os pais dos pais de João  
Firmina e Manoel  
Haviam sido escravos  
Até quando Isabel  
Decretou a abolição  
Pelo menos no papel

Na fazenda dos senhores  
A família prosseguiu  
Trabalhando e morando  
Até que seu pai partiu  
Em mil novecentos e sete  
Manoel se despediu

Com a morte de seu pai  
O fazendeiro expulsou  
A família de seu lar  
E sem casa os deixou  
Para fora da fazenda  
Todos eles colocou

Dona Firmina saiu  
Com dezoito pra criar  
Na casa de sua mãe  
Foi pedir pra se abrigar  
Um bangalô de sapê  
Pra todo mundo morar

Por Padre Cícero tinha  
Muita fé e devoção  
Chamava de seu padrinho  
Rezava por proteção  
Assim como a maioria  
Do povo lá do sertão

Porém a dificuldade  
Só fazia era crescer  
Faltava água, trabalho  
Quase nada pra comer  
Pra sustentar as crianças  
Não sabia o que fazer

Um dia passou um homem  
Chamava-se Laureano  
Que cuidava de cavalos  
Era cavalariano  
Observando as crianças  
Arquitetou o seu plano

O Laureano propôs  
A Firmina pra trocar  
Pelo seu filho João  
Francisco, ele levar  
E uma égua para ela  
Em troca iria dar

Argumentou com Firmina  
Que daria ao pequenino  
Alimentação decente  
E tratar bem do menino  
Bom estudo e condições  
Pra melhorar seu destino

Firmina no desespero  
Devido a situação  
Os filhos passando fome  
Aceitou trocar João  
Acreditando fazer  
Pelo filho, boa ação

De coração apertado  
Firmina meio chorosa  
Entregou a Laureano  
Sua cria preciosa  
E recebeu uma eguinha  
Chamada de Amorosa

O João partiu chorando  
Sem saber pra onde iria  
Vivendo com Laureano  
Não conheceu alegria  
A história dos estudos  
Era apenas fantasia

Laureano colocou  
O João pra trabalhar  
Levantar de madrugada  
Forçadamente cuidar  
De todos os seus cavalos  
Dia e noite sem parar

O menino escravizado  
Com sete anos de idade  
Lembrava de seus irmãos  
Da mãe sentia saudade  
Não conseguia entender  
Tamanha perversidade

Seis meses se passariam  
Laureano deu aviso  
Viajar pra Paraíba  
Seria agora preciso  
Pra revender uns cavalos  
Sem ficar no prejuízo

Partiram pra Paraíba  
Andaram uma semana  
Num hotel se hospedaram  
Na cidade Itabaiana  
E a dona deste hotel  
Parecia bem bacana

Beatriz Mocinha Costa  
Era o nome da senhora:  
– De Dona Felicidade  
Podem me chamar agora  
Simpatizou com João  
Não quis deixá-lo ir embora

Percebeu o tratamento  
Altamente desumano  
Que o menino recebia  
Do tal senhor Laureano  
Cochichando com João:  
– Vou te livrar do tirano!

A Dona Felicidade  
Com seu filho arquitetou  
Enganou o Laureano  
E o menino sequestrou  
Laureano nunca mais  
O garoto encontrou

O filho da tal senhora  
Pegou uma condução  
Viajando pra Recife  
Levando também João  
O menino em pensamento:  
– Livrei-me da escravidão!

A Dona Felicidade  
Uns dias depois chegava  
Em Recife aonde o filho  
Com João o aguardava  
Ao encontrar o menino  
O seu plano informava:

— Agora que te livre  
Do tal senhor Laureano  
Vamos viajar pro Rio  
De Janeiro, fim do ano  
Lá no Rio vou abrir  
O Hotel Itabaiano

Para o Rio de Janeiro  
Felicidade partiu  
Levando João Francisco  
Dos Santos que nunca viu  
História feliz na vida  
Pra ele não existiu

Pensava ter encontrado  
Enfim a felicidade  
Mas Dona Felicidade  
Só queria na verdade  
Também explorar João  
Em uma outra cidade

Pela Lapa carioca  
Do Rio de antigamente  
Chegou um menino negro  
De africanos, descendente  
João Francisco dos Santos  
Com oito anos somente...

O AUTOR – Victor Alvim, também conhecido como “Lobisomem”, é carioca, através da prática da capoeira com Mestre Camisa em 1992, iniciou suas pesquisas por diversas áreas da cultura popular brasileira, incluindo a Literatura de Cordel. Após publicar seu primeiro título neste gênero literário. Iniciou uma produção que resultou, em sua indicação e eleição para membro da ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, onde ocupa a cadeira de número 27. Compositor, percussionista e cantador, tem dois CDs gravados: Capoeira Popular Brasileira e Tem Capoeira no Samba.

#### OUTROS TÍTULOS DO AUTOR:

- Manduca da Praia – Um Lendário Capoeira do Rio Antigo
  - Nascimento Grande – Um Gigante da Capoeira Pernambucana
  - Histórias e Bravuras de Besouro – O Valente Capoeira
  - Zumbi & Bimba – Símbolos da Resistência Afro Brasileira
  - A Peleja de Lampião com Besouro Mangangá
  - O Debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara
  - O Encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar
  - O Desafio de Mestre Canjiquinha com Jackson do Pandeiro
  - Mestre Camisa – 50 Anos de Lutas e Vitórias
  - Mestre João Grande em Cordel
  - ABC da Capoeira para Crianças
  - Um Menino Chamado Besouro Capoeira
  - Tadeu e o Gigante da Capoeira
  - A Luta do Mestre Gigante contra o Lubizone
  - A Peleja de Boa Voz com o Cantador Misterioso
  - Mestre Cobra – De Amparo ao Rio de Janeiro
- e outros

#### Contatos:

Celular/whatsapp (21)99883-8945

Email: [victorlobisomem@yahoo.com.br](mailto:victorlobisomem@yahoo.com.br)

Instagram: [@victorlobisomem](https://www.instagram.com/victorlobisomem)

Projeto  
**Capoeira**  
no Rio 1948-82  
de Janeiro



Patrocínio



Arts & Humanities  
Research Council

Apoio



University of Essex